

## O POTENCIAL CONFLITO ENTRE MARROCOS E A ARGÉLIA: UM FOCO DE INSEGURANÇA PARA A PENÍNSULA IBÉRICA

Rui Garrido

## O POTENCIAL CONFLITO ENTRE MARROCOS E A ARGÉLIA: UM FOCO DE INSEGURANÇA PARA A PENÍNSULA IBÉRICA

**Rui Garrido**

Assessor do IDN.

Professor na Universidade Portucalense e  
Investigador no Centro de Investigação em  
Justiça e Governação da Universidade do  
Minho.

O ano de 2021 ficou marcado por uma escalada da tensão diplomática entre o Reino de Marrocos e a República da Argélia. As relações entre os dois vizinhos do Norte de África – tendo Marrocos fronteira terrestre com Espanha, nos enclaves de Ceuta e Melilha – sempre se pautaram por uma tensão e desconfiança, inclusive, com um conflito armado em 1963, na denominada Guerra das Areias<sup>I</sup>. As acusações entre ambos foram uma constante ao longo do ano, com a Argélia a acusar Marrocos de atos de terrorismo, pela autoria dos incêndios florestais que lavraram em território argelino e que viriam a culminar no corte de relações diplomáticas com Marrocos em 24 de agosto, em resposta ao que qualificava como “ações hostis”.<sup>II</sup> Em setembro, a Argélia encerrou o seu espaço aéreo para qualquer avião civil ou militar marroquino.<sup>III</sup>

O pico de tensão aconteceu após o bombardeamento, na zona do Sahara Ocidental, de uma coluna de camiões argelinos, a 1 de novembro, que viajavam da Mauritânia para a Argélia e atravessavam o território do Sahara Ocidental. O bombardeamento teve lugar precisamente nesse território, com a Argélia a proferir acusações graves contra as forças armadas de Marrocos e a garantir que tais atos não iriam passar impunemente.<sup>IV</sup>

Este bombardeamento aconteceu após a não renovação do contrato com Marrocos relativo ao Gasoduto Magrebe-Europa, o qual foi cortado a 1 de novembro. Este gasoduto atravessa território marroquino e fornecia gás natural a Espanha. A Argélia garantiu o fornecimento de gás a Espanha, mas diretamente pelo gasoduto que liga a cidade argelina de Orão à região espanhola de Almeria.

### **a) A questão do Sahara Ocidental**

Não é possível entender a escalada de tensão entre a Argélia e Marrocos sem olhar para a situação do Sahara Ocidental. O território encontra-se ocupado por Marrocos desde novembro de 1975 e é hoje uma das prioridades da política externa marroquina.

O Sahara Ocidental esteve sob domínio colonial de Espanha até meados da década 70 do século XX. Em outubro de 1975, o rei marroquino Hassan II anunciou aquela que ficou conhecida como a “Marcha Verde”<sup>V</sup>, que viria a acontecer a 6 de novembro desse ano. Espanha encetou esforços no sentido de uma transição do território, cuja administração seria tripartida por Marrocos, Argélia e Mauritânia, num acordo assinado a 14 de novembro de 1975, conhecido como Acordo de Madrid. A invasão marroquina, em completo desrespeito

pelo que ficou decidido no Acordo de Madrid, teve como efeito uma tensão latente e uma desconfiança entre vizinhos. A Argélia é também o país de acolhimento da população refugiada do Sahara Ocidental, na região de Tindouf, em resultado do conflito armado que lavrou entre 1975 e 1991. É também em Tindouf que está sediado o governo Saaraui no exílio. A Argélia continua a apoiar a autodeterminação do território do Sahara Ocidental, enquanto Marrocos reclama esse território como sua parte integrante. No 46.º aniversário da “Marcha Verde”, a 6 de novembro de 2021, o rei Mohamed VI anunciou que a questão da soberania marroquina sobre o Sahara Ocidental não era negociável.<sup>VI</sup> O reacender das hostilidades entre as forças de Marrocos e a Frente Polisário teve como ponto inicial a dispersão de protestos na região de Guerguerat, uma povoação perto da fronteira com a Mauritânia. Esta região é um ponto nevrálgico de comunicação com a Mauritânia e restante África Ocidental. Os protestos bloquearam rapidamente os camiões que garantiam o fluxo de mercadorias entre Marrocos e a Mauritânia, o que precipitou uma resposta das autoridades marroquinas. A 13 de novembro de 2020, deu-se uma troca de tiros entre as forças armadas de Marrocos e a Frente Polisário. Em consequência deste episódio, a Frente Polisário anunciou a sua retirada do cessar-fogo de 1991, terminando assim um interregno de quase três décadas.<sup>VII</sup> Nesse ano, o Conselho de Segurança da ONU adotou a Resolução 680 (1991), que estabeleceu a Missão da ONU para o Referendo no Sahara Ocidental (MINURSO). Em outubro de 2021, 30 anos após a instalação

da MINURSO, o Conselho de Segurança adotou a Resolução 2602 (2021) que estendeu o mandato da missão por mais um ano – até 31 de outubro de 2022. Nesse mês, o presidente da República Árabe Saaraui Democrática, Brahim Ghali, deu uma conferência de imprensa na qual confirmava o conflito armado com Marrocos, independentemente do reconhecimento deste.<sup>VIII</sup> Este conflito tem-se mantido de baixa intensidade. O bombardeamento de 1 de novembro de 2021, e do qual resultou a morte de três cidadãos argelinos, foi veementemente condenado pela presidência argelina, que acusou Marrocos da autoria do ataque. De acordo com várias fontes noticiosas, a presidência argelina afirmou que “Several factors indicate that the Moroccan occupation forces in the Western Sahara carried out this cowardly assassination with sophisticated weaponry through this new manifestation of brutal aggression which is characteristic of a known policy of territorial expansion and terror”.<sup>IX</sup> As fontes adiantam que o bombardeamento aconteceu perto de Bir Lahlou, que se localiza na região do Sahara Ocidental controlada pela Frente Polisário e relativamente próximo da fronteira argelina de Tindouf. Em resposta, a Frente Polisário anunciou medidas de retaliação a serem executadas dentro do muro defensivo marroquino – que divide a região ocupada e controlada por Marrocos, daquela sob controlo da Frente Polisário. A resposta de Marrocos tem sido musculada. Segundo algumas fontes, a 14 de novembro, a força aérea marroquina, com recurso a *drones*, abateu o comandante saaraui da 5.ª região militar, num ataque perto de Gleibat El Foula.<sup>X</sup>

## **b) A possibilidade de um conflito regional no Norte de África**

Desde a ocupação marroquina do território do Sahara Ocidental que as relações do Reino de Marrocos com a Argélia se têm deteriorado significativamente. De facto, a tensão crescente que tem pautado as relações entre estes dois vizinhos tem suscitado várias análises, de entre as quais destacam que estamos perante uma *guerra fria* regional.<sup>XI</sup> E, de facto, há indícios que nos fazem crer da possibilidade real dessa ameaça. Desde logo, a tensão naquela região do Magrebe conheceu uma tal escalada no final de 2021, que houve quem vaticinasse a real possibilidade de um conflito armado entre Marrocos e a Argélia.<sup>XII</sup> Por outro lado, estão em jogo visões distintas relativamente à geopolítica da região, mas sobretudo a disputa por uma supremacia na região do Norte de África. Para este facto, a situação no Sahara Ocidental – da qual a Argélia é favorável a uma autodeterminação do território – contribui significativamente. A Argélia acolhe, na região de Tindouf, campos de refugiados saaraui, que continuam a ser uma grande preocupação para o país. Esta questão tem-se mostrado de grande complexidade, existindo um conflito armado entre as forças de Marrocos e a Frente Polisário, num reacender das hostilidades após o cessar-fogo que vigorou entre 1991 e novembro de 2020. Este conflito tem o potencial de deteriorar ainda mais a estabilidade regional, como também se transformar num conflito armado de âmbito regional. A adesão de Marrocos à União Africana, em 2017, após três décadas de afastamento da organização pan-Africana, não tem produzido efeitos no sentido de uma

solução política viável para a questão saaraui. Marrocos tem sido hábil na sua estratégia, tendo apoiado nas Nações Unidas, em julho de 2021, o direito do povo kabyle à sua autodeterminação e independência da Argélia. Este reconhecimento foi veementemente condenado pela Argélia, que acusou Marrocos de dar apoio a grupos terroristas.<sup>xiii</sup> Ao nível da política internacional, há dois momentos da diplomacia marroquina que têm sido fonte de forte contestação pelos Estados do Magrebe e do mundo árabe em geral. Desde logo a aproximação de Rabat e Washington, ainda durante a Administração Trump, na qual os Estados Unidos da América reconheceram a soberania de Marrocos sobre os territórios do Sahara Ocidental. Este reconhecimento americano de soberania, contudo, foi parte de um acordo mais amplo, nomeadamente a promoção de uma aproximação entre Israel e Marrocos. E de facto, nesse mesmo mês de dezembro de 2020, teve lugar um acordo de normalização das relações diplomáticas entre Marrocos e Israel. Marrocos junta-se ao Egito no reconhecimento do Estado de Israel. Os Acordos de Abraão e a posição americana romperam com uma política de alinhamento com a visão da ONU para a realização de um referendo sobre a autodeterminação do povo saaraui.<sup>xiv</sup> Este reconhecimento, que teve lugar no dia 10 de dezembro de 2020 – Dia Internacional dos Direitos Humanos – e já após a derrota eleitoral de Trump, teve um impacto direto no acentuar da tensão no Magrebe. No dia 22 de dezembro, os Estados Unidos da América, Marrocos e Israel assinam uma declaração conjunta, parte dos Acordos de Abraão,

normalizando as relações entre os Estados mediterrânicos. Esta declaração visou o restabelecimento das relações amigáveis e diplomáticas, o restabelecimento dos voos civis entre Rabat e Telavive e a promoção da cooperação nas áreas de “trade; finance and investment; innovation and technology; civil aviation; visas and consular services; tourism; water, agriculture, and food security; development; energy and telecommunications”.<sup>xv</sup> Marrocos e Israel sempre tiveram relações amistosas, situação que apenas se alterou durante a segunda Intifada (2000), quando se verificou um corte de relações diplomáticas entre os dois países.<sup>xvi</sup> No entanto, a verdade é que nos últimos anos assistiu-se a uma reaproximação entre ambos, a um cultivo de boas relações e cooperação entre os dois países. Aliás, é interessante observar algumas análises mais recentes indicativas desta reaproximação, assente sobretudo no património cultural e na cooperação.<sup>xvii</sup> Em julho de 2021, foi assinado um acordo no domínio cibersegurança, que contempla a cooperação nas áreas da investigação, conhecimento e partilha da informação.<sup>xviii</sup> Em novembro de 2021, um ano após o reinício das hostilidades no Sahara Ocidental, o Ministro da Defesa israelita, em visita a Marrocos, afirmou que estava em negociação a formalização de uma cooperação no domínio da segurança e da defesa.<sup>xix</sup> Em contrapartida, esta aproximação entre Rabat e Telavive tem sido muito mal recebida junto dos países da Liga Árabe, destacando-se a Argélia, que se sente diretamente visada pelos acordos decorrentes desta reaproximação.<sup>xx</sup> Por fim, Marrocos pretende construir uma base naval na cidade de Dajla

– no território do Sahara Ocidental e a sul das ilhas Canárias –, que tem como objetivo, de acordo com algumas fontes, providenciar apoio logístico aos países africanos aliados de Marrocos, bem como alojar contingentes militares das missões de paz da ONU e da União Africana.<sup>xxi</sup> A construção destas instalações estará a cargo de duas empresas marroquinas, mas com financiamento dos Emirados Árabes Unidos. Desta forma, Marrocos posicionar-se-á estrategicamente no Atlântico, aliando ainda os interesses americanos e israelitas na região, sobretudo numa presença na costa africana e evitar as aspirações chinesas de construção de uma base naval entre a Mauritânia e a Namíbia. Estes aliados internacionais podem balancear o equilíbrio de poder na região do Norte de África e deter alguma ação militar argelina.

### c) Impactos na Europa

Esta relação tensa entre vizinhos no Magrebe pode ter impactos significativos, em matéria de segurança, no outro lado do Mediterrâneo. O que quer que aconteça nesta região afetará, em primeiro lugar, os países da Península Ibérica. Assim, é necessário reafirmar que a relação entre a Argélia e Marrocos é seguida com preocupação pelos países europeus, em especial pela Espanha, que faz fronteira com o território marroquino.

Num primeiro momento, a possibilidade de um conflito armado numa fronteira da União Europeia criará várias condições de insegurança e pressão nos países europeus mais próximos. A questão energética é uma das principais fontes de preocupação ibérica, uma vez que tanto Espanha como

Portugal dependem do gás natural que é exportado pela Argélia. O corte do gasoduto Magrebe-Europa – que atravessa o território marroquino até Ceuta – não teve um efeito significativo, uma vez que a Argélia assegura o fluxo de gás natural através do gasoduto Medgaz entre Orão e Almeria. No entanto, um potencial conflito armado poderá desestabilizar a região e resultar numa crise energética na Península Ibérica.

Em segundo lugar, não é de se desconsiderar um cenário complexo de uma maior pressão migratória nas cidades de Ceuta e Melilha. Estas cidades enclaves têm sido palco de várias vagas migratórias, e são as principais portas de entrada na Europa para quem procura uma vida melhor. Impõe-se a necessidade de um reforço do controlo de fronteira nestas cidades. Esta é uma preocupação constante das autoridades espanholas, que se viram a braços com um fluxo anormal de migrantes em maio de 2021, que teve motivações políticas de retaliação pelo facto do líder da Frente Polisário ter sido hospitalizado em Barcelona por infeções com Covid-19. A instrumentalização das migrações por parte das autoridades marroquinas deve ser tida em consideração, sendo aliás uma realidade que não é única na Europa – veja-se, por exemplo, a estratégia da Turquia e a sua política migratória. Não há garantias de que a Península Ibérica não se veja a braços com uma crise migratória a breve trecho. Uma situação de maior instabilidade, ou até mesmo de hipotético conflito armado envolvendo Marrocos, será uma fonte de insegurança para Portugal e Espanha numa primeira linha, mas também para a União Europeia, que se verá confrontada

com uma nova pressão migratória nas fronteiras a sul. É interessante analisar que, tanto a Argélia como Marrocos, estão a encetar esforços de normalização das relações diplomáticas com outros países europeus. Isto, enquanto as relações diplomáticas continuam cortadas. Para Portugal, a possibilidade de um conflito escalar nas suas fronteiras a sul tem um potencial de ameaça significativo. Desde logo, na questão migratória, uma vez que as migrações irregulares por via marítima eram um fenómeno esporádico, mas que desde 2019 passaram a estar na rota migratória vinda de Marrocos com destino à costa algarvia.<sup>xxii</sup> Esta é uma realidade que se tem mostrado mais frequente, inclusivamente identificada nos Relatórios Anuais de Segurança Interna de 2019 e 2020.<sup>xxiii</sup> Um conflito resultará, necessariamente, numa maior pressão nesta rota o que obrigará as forças marítimas portuguesas a aumentar a sua presença na costa algarvia e a reforçar o patrulhamento daquelas águas. Por outro lado, Portugal tem uma diáspora significativa tanto em Marrocos como na Argélia, que em caso de um conflito, deverá mobilizar esforços diplomáticos e militares no sentido do repatriamento desses cidadãos e outras ações para a garantia da sua segurança. Relativamente aos esforços diplomáticos no sentido de amenizar as relações no Magrebe, Portugal tem sido apontado como podendo vir a ter um papel decisivo na mediação das disputas entre Marrocos e a Argélia. É reconhecido o mérito internacional da diplomacia portuguesa, bem como o lugar que Portugal ocupa, em termos geográficos, políticos e históricos.<sup>xxiv</sup> Dada a desconfiança, as trocas de

acusações e os incidentes que tem acontecido nos últimos anos, a tarefa de mediar este conflito não se afigura tarefa fácil, mas é urgente que seja feita. Os efeitos diretos de um conflito na fronteira sul da Europa podem ter ondas de impacto além-fronteiras e marcarão as políticas europeias em matéria militar, energética e migratória nesta década.

## Notas

<sup>i</sup> A Guerra das Areias foi um conflito armado entre Marrocos e a Argélia, derivado das reivindicações marroquinas sobre as províncias argelinas de Tindouf e Béchar. O conflito teve lugar entre 25 de setembro de 1963 e 20 de fevereiro de 1964, terminando com um impasse militar. Marrocos abandonou as suas pretensões aos territórios argelinos e foi criada uma zona desmilitarizada.

<sup>ii</sup> <https://www.aljazeera.com/news/2021/8/24/algeria-cuts-diplomatic-ties-with-morocco>

<sup>iii</sup> <https://www.france24.com/en/africa/20210922-algeria-closes-airspace-to-moroccan-aviation>

<sup>iv</sup> <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/3/three-algerians-killed-in-attack-presidency-blames-on-morocco>

<sup>v</sup> Que se traduziu na incursão de 350.000 pessoas oriundas de Marrocos e que entraram pelo Sahara Ocidental. A Marcha Verde configurou parte de uma estratégia para pressionar Espanha a abandonar o território do Sahara Ocidental e consumir a invasão marroquina do território.

<sup>vi</sup> <https://www.theafricareport.com/144172/algeria-morocco-the>

sahara-is-not-up-for-negotiation-says-mohammed-vi/

<sup>vii</sup> <https://www.lrb.co.uk/blog/2020/december/western-sahara-returns-to-war>

<sup>viii</sup> <https://www.africanews.com/2021/10/17/western-sahara-polisario-front-leader-vows-attacks-on-morocco-will-continue/>

<sup>ix</sup> <https://www.theafricareport.com/143610/algeria-accuses-morocco-of-murdering-three-algerian-civilians/>

<sup>x</sup> <https://www.theafricareport.com/149760/polisario-front-ups-the-ante-in-western-sahara-conflict/>

<sup>xi</sup> <https://www.mei.edu/publications/algeria-morocco-tensions-onset-regional-cold-war>

<sup>xii</sup> <https://www.lemonde.fr/blog/filiu/2021/12/26/le-risque-en-2022-dun-conflit-entre-lalgerie-et-le-maroc/>

<sup>xiii</sup> <https://www.libyanexpress.com/algeria-condemns-support-of-moroccos-ambassador-to-the-un-on-kabyle-peoples-right-to-self-determination/>

<sup>xiv</sup> <https://www.cambridge.org/core/journals/american-journal-of-international-law/article/united-states-recognizes-moroccos-sovereignty-over-western-sahara/36A7A41EC0B341D79CE4661EDD8B60E>

<sup>xv</sup> <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2021/01/Joint-Declaration-US-Morocco-Israel.pdf>

<sup>xvi</sup> <https://ecfr.eu/article/why-the-western-sahara-dispute-could-escalate-conflicts-across-north-africa-and-the-sahel/>

<sup>xvii</sup> Veja-se, por exemplo, o relatório “Israel and Morocco: Cooperation Rooted in Heritage”, publicado em 2018, da autoria de Einat Levi. Disponível em [https://mitvim.org.il/wp-content/uploads/Einat\\_Levi\\_-\\_Israel\\_and\\_Morocco\\_-\\_Cooperation\\_Rooted\\_in\\_Heritage\\_-\\_September\\_2018.pdf](https://mitvim.org.il/wp-content/uploads/Einat_Levi_-_Israel_and_Morocco_-_Cooperation_Rooted_in_Heritage_-_September_2018.pdf)

<sup>xviii</sup> <https://www.timesofisrael.com/israel-morocco-sign-accord-for-cybersecurity-cooperation/>

<sup>xix</sup> <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/23/israel-to-formalise-defence-ties-with-morocco-on-ministers-visit>

<sup>xx</sup> <https://www.lemonde.fr/blog/filiu/2021/12/26/le-risque-en-2022-dun-conflit-entre-lalgerie-et-le-maroc/>

<sup>xxi</sup> <https://then24.com/2022/01/23/morocco-will-build-a-large-military-base-in-the-saharawi-port-of-dajla-in-the-south-of-the-canary-islands/>

<sup>xxii</sup> [https://novarefugeelegalclinic.novalaw.unl.pt/?blog\\_post=the-migration-route-morocco-algarve-chronology](https://novarefugeelegalclinic.novalaw.unl.pt/?blog_post=the-migration-route-morocco-algarve-chronology)

<sup>xxiii</sup> <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDA0sAAAQJ%2bleAUAAA%3d; https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBQAAAAB%2BLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUABR26oAUAAA%3D>

<sup>xxiv</sup> <https://www.dn.pt/opiniao/portugal-mediador-entre-marrocos-e-argelia-14392636.html>